

Macapá, 20 de junho de 2023.

Querida filha de uma mãe preta,

Escrevo para perguntar se você já compreendeu sobre amor e felicidade na vida de mães pretas e de suas filhas. Pode lhe parecer estranho, mas sendo uma mãe preta, acho que muitas vezes deixamos de falar que todas as nossas lutas cotidianas são exatamente por isso, para que você possa herdar o amor e a felicidade como o maior “matrimônio” deixado por quem veio antes de nós.

Acontece que a mãe preta aprendeu que a vida é dureza e de fato é. Mas tem tantas belezuras que você não precisa acreditar que essa herança (amor e felicidade) precisa ser conquistada, porque ela está entre e em nós desde sempre. Ela só precisa ser percebida, reconhecida... precisa que nos apropriemos dela (“Tome que a filha é tua!”). Está lá quando estarmos juntas, está em sermos o que somos: herdeiras do amor e da felicidade como axé, como energia que nos retroalimenta e nos move.

Sabe, filha de mãe preta, preciso lhe dizer que nós, mães pretas, somos constituídas de amor e felicidade, embora não falamos muito sobre isso. Às vezes (muitas vezes...) acreditamos que o que nos define são as faltas. Mas definitivamente, não são as faltas que nos define, porque lutamos exatamente para reivindicar o reconhecimento do amor e da felicidade como esse bem inerente do povo preto. Afinal, comida, casa, trabalho, dinheiro, saúde, vida...tudo trás amor e felicidade. No final ou desde o início, é por amor e felicidade que lutamos, ou não?

Então a violência do racismo, do sexismo e nossa luta coletiva não nos define enquanto “falta”, “ausência”, “dureza”. O que nos define é o amor e a felicidade da resistência coletiva, das trocas afetuosas, das falas e gargalhadas altas e largas quando estamos juntas, do banho de ervas e de todas as tecnologias de resistências *eboísticas* e *exuísticas* que herdamos das nossas ancestrais.

Então, se sendo filha de uma mãe preta, você não compreendeu do que nos constituímos é porque às vezes (ou quase sempre...) nos perdemos nas

práticas da vida rotineira de todos os dias de uma mãe preta e esquecemos de contar nossas histórias de amor e felicidade, esquecemos que somos todas griôs desde que a primeira de nós chegou por essas terras.

Ela, sua mãe preta, até pediria desculpa por você já ser uma filha adulta de uma mãe preta e não lhe ter ensinado sobre aquele friozinho bom na barriga quando você se enxerga nas outras mulheres como nós, ou no sol, ou na chuva, ou nas plantas, ou no banho de rio, ou nas conversas despreziosas entre nós... Essa sensação gostozinha que lhe desce do Ori, lhe esfria o estômago, lhe toma o corpo todo nestes momentos é o amor e a felicidade se manifestando “escurecidamente”. Simples assim. É quem você é, e é quem ela é, e é quem somos.

Então, filha de uma mãe preta, se ela esqueceu de lhe dizer também que grande parte desse amor e dessa felicidade ela encontra junto a você desde o seu primeiro batuque na barriga dela, é porque ela achava tão óbvio que esqueceu de reafirmar, então eu faço isso por ela, tá bom? Não a leve a mal se ela não se desculpar por isso, é porque finalmente ela aprendeu que não precisa pedir desculpas por sua existência, nem que seja para você, entende? Não se pode se desculpar por fazer e ser o melhor que se pode em cada Tempo (“T” maiúsculo porque Tempo é Orixá) de sua trajetória. Aprender isso foi difícil, acredite.

Então é isso, filha de uma mãe preta: Somos amorosidade e o nosso amor é revolucionário. Outrora nos fizeram acreditar que não somos possíveis para o amor e acreditamos nessas coitadas criaturas infelizes sem amor... Mas afinal, tem amor e felicidade maior do que estarmos juntas? Então não amamos e somos felizes? E essa felicidade e esse amor não se renovam a cada novo encontro entre nós?

Então, filha de uma mãe preta, espero que você tenha compreendido o amor e a felicidade de uma mãe preta e de uma filha de mãe preta.

Vou ficando por aqui cheia de amor e felicidade por estar escrevendo para você sobre nossas heranças e desejo a você e para sua mãe preta, amores e felicidades renovadas!

Amorosamente,

Uma mãe preta filha de uma mãe branca.